

## Brasil

**FUGA EM MOSSORÓ**  
PF oferece R\$ 30 mil por informações  
Ajuda sobre paradeiro de ferigidos será paga por meio de verba federal



Mudança de público. Clube de tiro em São Paulo, a partir de 2018, atraiu de volta guarda passaram a conviver com quem tem discurso ideológico a favor da arma, segundo pesquisador

# HOMEM, COM ENSINO MÉDIO E DO AGRO

## Recadastramento mostra que CACs se concentram no Centro-Oeste e no Sul

ALINE RIBEIRO E RAFAEL GARCIA  
do g1/globo.com.br  
e o g1

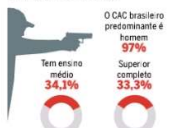
O empresário catarinense Thiago Barboza, de 41 anos, deu seu primeiro tiro num estande a convite de um amigo. Gostou tanto que decidiu fazer parte desse mundo. Nos clubes de Florianópolis, Barboza encontrou um lugar para “desestressar”. Aos poucos, foi levando a mulher e o casal de filhos de 6 e 8 anos para curtir o clube. Tirou sua carteirinha de Caçador, Atrador e Colecionador (CAC) junto ao Exército Brasileiro em agosto de 2022.

—Para mim, é uma terapia, um lugar onde esqueço de tudo. Ainda trabalho nível de concentração, segurança e hierarquia — conta. Barboza se encaixa no perfil público que, encorajado pela flexibilização do acesso às armas do governo Bolsonaro, pleiteou um registro de CAC. O predomínio é de homens (97%), casados (62%), com ensino médio (34,1%) e superior (33,3%) e moradores das regiões Centro-Oeste e Sul, segundo a Polícia Federal. Os dados são baseados no recadastramento das 962.782 armas adquiridas no país depois de 2019, medida prevista no decreto do governo Lula que restringiu o acesso incentivado pelo antecessor. As profissões mais armadas são administrador (13,6%), comerciante varejista (7,5%) e produtor agropecuário (6,7%).

Um cruzamento do número de armas por município com suas populações feito pelo GLOBO mostrou maior concentração em áreas dominadas pelo agropecuário, principalmente a pecuária. Os locais com mais armamento de CACs são o Sul de Goiás, nas regiões de Rio Verde e Jataí; o Leste do Mato Grosso, no entorno do Parque do Xingu; todo o Norte gaúcho; e o interior de Santa Catarina e

### A MÃO QUE CARREGA A ARMA

#### O perfil do CAC no Brasil



#### O CAC trabalha com...



#### O calibre preferido das armas é o 9 mm, comum em pistolas e revólvers



Paraná. Clevelândia (PR) é a campeã da lista: há uma arma para cada 15 moradores.

Em quatro anos, o número de brasileiros que tiraram o certificado de CAC mais que sextuplicou, passando de 117.467, em 2018, para 783.385 no final de 2022. O policial federal Roberto Uchôa, conselheiro do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, afirma que o perfil deles mudou. O ponto de virada, acredita, foi 2017, no governo Temer, com a publicação de uma portaria do Exército que regulamentou o porte de trânsito.

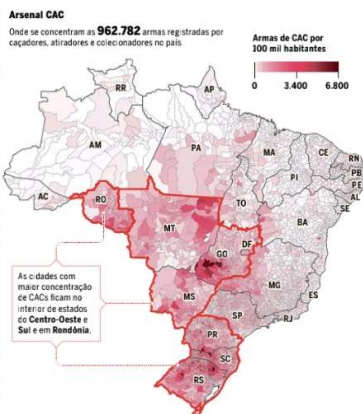
—Até aquele ano, eram os esportistas de fato que frequentavam os clubes. Esse público que chega depois que o porte de trânsito. As pessoas começam a virar CAC porque querem andar armadas — afirma Uchôa, autor do livro “Armas para

quem”, resultado de uma pesquisa sobre clubes de tiros e seus frequentadores.

#### MUDANÇA COM DECRETO

Até 2003, qualquer brasileiro com mais de 21 anos podia ir a bares, shoppings, parques e teatros com uma arma. Com a aprovação do Estatuto do Desarmamento, o porte foi proibido para civis, com exceções para poucas categorias profissionais. Com a portaria do governo Temer, a categoria ganhou o direito de se deslocar de casa até o clube ou competição com a arma municipalizada e pronta. CACs aproveitaram a facilidade de comprovação do trajeto para andarem armados, e clubes de tiro pipocaram pelo Brasil.

A popularização da categoria, diz Uchôa, criou um mal-estar entre a velha guarda do tiro e os novatos. O pesquisa-



dor destaca que os recém-chegados têm um poder aquisitivo menor, porque os preços para praticar tiro ficaram mais baratos, e são mais ideologizados.

—Por volta de 2018, começa a chegar uma turma com camiseta do Brasil, falando em Bolsonaro — observa. O advogado Barboza considera que atirar exige a mesma disciplina de um exercício de malhação.

—No clube, encontro pessoas com uma certa cultura, com alguma profissão bem definida na vida. É outro relacionamento.

O empresário Alessandro de Godoy, de 51 anos, morador de Campo Largo, na Região Metropolitana de Curitiba, compra a primeira arma há 30 anos, no balcão da Mesbla. Casado e pai de duas filhas, tem licença de autodefesa pela Polícia Federal. Ao ter negado o pedido de uma segunda arma para proteger um segundo estabelecimento onde trabalhava, tirou a licença de CAC, em 2020. A partir daí, comprou duas pistolas 380, um revólver 44 Magnum e uma pistola 9mm — o calibre favorito, segundo o recadastramento.

—Comecei a participar de competições, de treinamentos, e comprei mais para ter opção para competir — justificou Godoy.

Outro empresário, Paulo Roberto Brandão, de 38 anos, tem familiaridade com as armas desde que vivia na Suécia e se apaixonou pela caça. Ao retornar ao Brasil, tornou-se CAC natural, diz. A decisão de tirar a carteirinha se deu pelo esporte, mas ele diz ser totalmente favorável ao uso para a legítima defesa.

—Se alguém vier te assaltar, a polícia não vai chegar. Ninguém vai se defender com um garfo. Com esse novo decreto (que proibiu o porte de trânsito com a arma municipalizada), todo mundo está vulnerável. Agora tenho que carregar a minha arma numa caixa.



A primeira foi da Mesbla. Alessandro ampliou arsenal para competir, afirma